



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Narrativa Folkcomunicacional e Taxionomia do Memorial Virgulino Lampião, em Barcelona/RN¹

Emanuele de Freitas Bazílio²

Andrielle Cristina Moura Mendes Guilherme³

Itamar de Moraes Nobre⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

Apresentamos a narrativa folkcomunicacional e a taxionomia dos artefatos componentes o Memorial Virgulino Lampião O Rei do Cangaço, no museu popular Sítio Cajueiro Pedra da Fé, em Barcelona, Rio Grande do Norte, Brasil. Empregamos como estratégia metodológica a cartografia simbólica, sob o olhar da folkcomunicação icônica. Realizamos registros fotográficos, entrevistas e pesquisas as quais compuseram a taxionomia dos elementos do memorial. Com base na análise folkcomunicacional do museu, percebemos a relevância da representação de Lampião para o povo do nordeste e do papel exercido pelo museu de preservação e perpetuação da memória de um dos nomes mais citados na cultura nordestina, contribuindo para a construção e reprodução da identidade e da memória social do nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Identidade cultural; Museu; Lampião; Memória.

Introdução

A região Nordeste do Brasil caracteriza-se por sua tradição, cultura e resistência. A figura do nordestino, carregada de sentidos, é também reflexo de um povo que faz de

¹ Trabalho apresentado no GT Expressões da Folkcomunicação na Cultura Popular da XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Mestranda e pesquisadora do PPgEM/UFRN - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Ecomsul - Epistemologias e Práticas Transformadoras em Comunicação, Cultura e Mídias/UFRN. Email: manufreitass2@hotmail.com

³ Doutoranda e pesquisadora do PPgEM/UFRN - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Ecomsul - Epistemologias e Práticas transformadoras em Comunicação, Cultura e Mídias/UFRN. Email: andriellecmmg@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Pós-doutor, docente e pesquisador do PPgEM/UFRN - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia/UFRN e do Departamento de Comunicação Social/UFRN. Membro do Grupo de Pesquisa Ecomsul - Epistemologias e Práticas Transformadoras em Comunicação, Cultura e Mídias/UFRN. Membro da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Rede RPCFB - Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil e da Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação. Email: itanobre@gmail.com



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

seus mitos crenças, dentre as quais constroem suas referências e representações, construindo um nordeste com base em histórias e estórias.

“A história, na verdade das coisas, se passa nos quadros locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica” (RIBEIRO, 2006), como a prisão de Virgulino Lampião, líder do cangaço⁵, cuja história revela uma parte da história do sertão⁶, do Nordeste e do Brasil.

A identidade cultural é uma herança deixada por um povo para gerações futuras e para a história do mundo. Pelo fato do cangaço ter sido um movimento que aconteceu apenas na região Nordeste, caracterizou-se como parte relevante da história e da memória coletiva dos nordestinos. Um dos exemplos dessa caracterização é o museu popular Sítio Cajueiro Pedra da Fé está localizado no município de Barcelona⁷, no estado do Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. O acervo foi idealizado e criado por Saturnino Neto de Medeiros⁸, possui mais de três mil peças, em sua maioria adquiridas por ele. Construído embaixo de um cajueiro - árvore que inspirou na formulação do nome do museu - está organizado em espécies de santuários, onde cada um possui objetos que fazem parte das narrativas que constroem as memórias dos homenageados.

Neste artigo, propomos uma análise taxionômica e folkcomunicação do Memorial Virgulino Lampião, que é um dos santuários do museu popular Sítio do Cajueiro Pedra da Fé em Barcelona (Rio Grande do Norte, Brasil). Esses espaços, classificados como museus⁹, podem inspirar os indivíduos e seus imaginários. Segundo

⁵ Movimento social ocorrido no nordeste brasileiro, nos séculos XIX e XX, liderado pelos cangaceiros - grupos nômades que viviam em bandos -, os quais revoltados com a situação em que viviam a população da região nordeste na época, saqueavam fazendas e sequestravam fazendeiros, na tentativa de impor a ordem e lutar pelo respeito ao povo nordestino.

⁶ Sub-região do Nordeste, o sertão é caracterizado pelo regime de chuvas baixo e irregular, marcado por secas intensas (sazonais) e pela vegetação predominante de caatinga (bromélias, arbustos e cactos).

⁷ Cidade com aproximadamente quatro mil habitantes, localizada no Agreste Potiguar. A agricultura e o funcionalismo público movimentam a economia local.

⁸ Natural de Barcelona/RN. Agricultor, comerciante e admirador da cultura nordestina, dedicou parte de sua vida a colecionar elementos da cultura popular e organizou-os em museus. Hoje, ele reside em Currais Novos, região Seridó do estado do RN, local onde fundou um segundo museu, dedicado a Lampião.

⁹ Museu deriva da palavra grega *mouseion*, que tem como significado morada das musas. No contexto usual, pode-se dizer que são espaços de representações e inspirações artísticas, os quais guardam memórias de personalidades e momentos importantes da história de um povo.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Pinto (2013), caracterizam-se como lugares fortalecedores da identidade com o passado porque materializam artefatos os quais representam a cultura, a crença, a festa popular, a religião e as tradições de um povo. Para ele, através do passado entendemos e temos consciência de onde viemos e de quem somos.

Como estratégias metodológicas, para análise da narrativa folkcomunicação do Memorial Virgulino Lampião, associamos a cartografia simbólica (SANTOS, 2011); a taxionomia e a observação direta dos elementos constituintes do memorial; o registro fotográfico e a entrevista semi-estruturada. Essas metodologias associadas à teoria da folkcomunicação, através da folkcomunicação icônica - a qual representa um dos cinco gêneros¹⁰ da pesquisa descritos por Beltrão (1980). Na nossa pesquisa, a personagem Lampião é considerada uma agente popular e a folkcomunicação uma disciplina dedicada aos estudos dos agentes e dos meios populares de informação. Por esses motivos, esse estudo foi desenvolvido com base nessa teoria, como confirma Marques de Melo (2006),

Em termos gerais, a folkcomunicação é a comunicação em nível popular, sendo popular tudo o que se refere ao povo, aquele que não se utiliza dos meios formais de comunicação. Dito de outro modo, folkcomunicação pode ser entendida como a comunicação através do folclore (MARQUES DE MELO, 2008, p. 26).

Fundamentada nisso, a folkcomunicação tem papel fundamental na perpetuação e preservação da memória social. Além de valorizar a comunicação popular, preza pelos agentes e líderes que participam desse processo. Essa ideia contribui para o fortalecimento da identidade cultural de uma sociedade e de seus representantes, registrando as manifestações culturais de seus antepassados. Para Beltrão (1980), as manifestações são resultado de atividades artesanais de um agente-comunicador - nesse caso, o senhor Saturnino Neto, fundador do museu.

¹⁰ De acordo com Gobbi e Fernandes (2013), em 1980, Beltrão determinou cinco gêneros para servir de base na pesquisa em folkcomunicação, são eles: folkcomunicação oral; folkcomunicação musical; folkcomunicação escrita; folkcomunicação icônica e folkcomunicação cinética. Os quais ampliam o campo da folkcomunicação para além do âmbito jornalístico. No tocante à folkcomunicação icônica, Marques de Melo (2008) concebe sete formatos: devocional; diversional; decorativo; nutritivo; bélico; funerário e o formato utilitário.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Trajetórias Metodológicas

Como passos para a pesquisa levantamos, classificamos, descrevemos e analisamos “as mensagens profundas contidas nos aparentemente ingênuos textos, artefatos, práticas e ritos” (BELTRÃO, 2004, p. 92) expostos no Memorial Virgulino Lampião, optou-se por realizar uma cartografia introdutória das narrativas folkcomunicacionais elaborada sob a inspiração da cartografia simbólica de Santos (2011).

Inicialmente aplicada ao campo da Geografia, a cartografia - enquanto conjunto de operações científicas, artísticas e técnicas fundamentado nos resultados de observações diretas ou de análises de documentação, com vistas à elaboração, preparação e utilização de cartas, projetos e outras formas de expressão (OLIVEIRA, 1993) -, passou a ser utilizada de maneira adaptada em outras áreas, sendo a cartografia simbólica do Direito (SANTOS, 2011) um exemplo dessa adaptação.

De acordo com Santos (2011), essa estratégia metodológica possui virtualidades teóricas e analíticas que recompensam os esforços empreendidos por aqueles que a utilizam, com as devidas adaptações. Longe de ser uma estratégia superficial, a cartografia simbólica não deve ser vista como forma de expor dados obtidos com rapidez nem deve ser usada quando não há saídas metodológicas para trabalhos de pesquisas para justificar um arranjo metodológico de última hora. Tanto quanto no seu aspecto analítico e reflexivo, essa estratégia metodológica possui um caráter de elevada complexidade no processo de planejamento e coletas de dados. Para isso deve ser assumida com maturidade e sem amadorismos.

O seu emprego como método para o entendimento da subjetividade, das relações sociais e das representações simbólicas (NOBRE, 2011) em inúmeros campos das ciências humanas e sociais se deve, em parte, à sua virtualidade analítica, flexibilidade de procedimentos e liberdade teórica (SANTOS, 2011; ROLNIK, 1989), ampliando a sua importância de uso no mundo da Geografia para o universo de uma diversidade de disciplinas (NOBRE, 2011).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Para compor uma cartografia introdutória das narrativas folkcomunicacionais, registramos imagetivamente e catalogamos, sempre em sentido anti-horário, os elementos culturais presentes no memorial dedicado à Lampião, em Barcelona (RN). Após a catalogação e análise das fotografias, entrevistamos o senhor Saturnino Neto de Medeiros, a fim de compreender a intencionalidade e finalidade da exposição dos artefatos.

Os registros fotográficos, cuja análise foi essencial para a percepção de cada elemento folkcomunicacional presente no museu, serviram de base para compor narrativas sobre o cangaço e sobre a identidade cultural do povo nordestino, e contribuíram tanto para a constituição de uma memória visual da trajetória de Lampião quanto para a preservação imagética dos artefatos vulneráveis à deterioração causada pelo tempo.



Fotos de Lampião e seu bando - Foto: Emanuele Freitas



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A fotografia documental tem se prestado, desde o início, a documentar fatos e registrar personalidades importantes da história, como Lampião por exemplo. Através dela é possível conhecer como lampião e seus seguidores se vestiam e viviam no sertão nordestino. De acordo com Burke (2004), as fotografias assumem o papel de testemunhas oculares dos fatos¹¹. Presentes no memorial, elas documentam e retratam o cotidiano dos cangaceiros, liderado por Lampião. Em consonância com as teorias de Burke (2004), Kossoy afirma que:

A imagem do real retida pela fotografia (quando preservada ou reproduzida) fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte. (KOSSOY 2001, p. 36-37)

No contexto metodológico, a associação entre a cartografia simbólica, a observação direta, o registro fotográfico e as entrevistas semi-estruturadas, tornou possível a elaboração de um inventário (MARQUES DE MELO, 2008) inicial dos elementos culturais que retratam a trajetória do rei do cangaço, como era chamado pelos populares da época. Elementos esses integrantes do imaginário social dos visitantes do museu Sítio Cajueiro Pedra da Fé, os quais entram em contato com as narrativas folkcomunicacionais do memorial Virgulino Lampião.

A Construção da Figura de Lampião na Memória do Povo Nordestino

Nascido em Serra Talhada, no sertão pernambucano, em 1897, Virgulino Ferreira da Silva entrou para o cangaço, no bando - uma espécie de facção - de Sinhô Pereira, após o assassinato do pai em 1920, pelo tenente José Lucena, aliado do fazendeiro José Saturnino, que acusava Virgulino e seus dois irmãos, Antônio e Levino, de roubo de cabras. Mesmo após vender o que possuía e mudar para o município de Floresta, a família continuou sendo perseguida pelo fazendeiro e seus aliados. Em um dos ataques, José Ferreira foi assassinado, tragédia determinante para o ingresso dos três

¹¹ Para o autor, “imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (BURKE, 2004, p. 17).



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

filhos no cangaço, na época era liderado por Sinhô Pereira - responsável pelo apelido Lampião, isso porque Virgulino, segundo historiadores e populares, atirava a ponto de sua arma incandescer e brilhar à noite, esse fato teria inspirado Sinhô.

O sertão pariu Lampião, o mesmo sertão o degolou¹². Embora renegasse os jagunços pelo pavor difundidos por eles, a população sertaneja via nos seus feitos mais violentos modelos de justiça realçados e louvados (RIBEIRO, 2006). Talvez por isso, Lampião tenha se tornado um símbolo do Nordeste brasileiro com ícones expostos em vários museus da região.



Fotografias do cangaceiro, Lampião ao centro - Foto: Emanuele Freitas

A postura altiva, a posição central nas imagens e as vestes paramentadas ajudaram a construir a imagem de um líder vaidoso, que apreciava ser fotografado, e parecia lidar sem dificuldades com uma imagem tão controversa.

¹² Ato de cortar a garganta, arrancar a cabeça de alguém.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Para Ribeiro (2006), o cangaço era fruto da conjuntura política, social e econômica da época. Originado no meio social alimentador e incentivador da violência cangaceira. O cangaço, segundo o autor, teria surgido, no enquadramento social do sertão, como fruto do próprio sistema senhorial do latifúndio pecuário, incentivador do banditismo, através do aliciamento de jagunços pelos coronéis como seus capangas (guardas de corpo) e, também, como seus vingadores.

Cada seguidor de Lampião, conforme Ribeiro (2006), tinha sua própria justificativa moral para aliciar-se no cangaço: um, para vingar uma ofensa à sua honra pessoal ou familiar; outro, para fazer justiça com as próprias mãos, em razão dos agravos sofridos por poderosos locais. Surgia, assim, um tipo particular de heroísmo selvagem, por vezes, estimulador de ferocidades extremas: "Se por um lado ressarciam aos pobres de sua pobreza com os bens que distribuíam depois de cada assalto, por outro, matavam, estropiavam, violentavam, em puras exhibições de fúria" (RIBEIRO, 2006, p. 320).

A exploração pecuária latifundiária, associada à precariedade das lavouras de algodão, às miseráveis atividades extrativistas e às difíceis condições de provimento da subsistência, segundo o autor, engrossava as filas dos sertanejos emigrantes e dos aderentes ao banditismo. "Paradoxalmente essa saída desesperada é a única que enseja ao sertanejo libertar-se da opressão em que vive, seja emigrando para outras terras, seja caindo no banditismo" (RIBEIRO, 2006, p. 316). Para o autor, a penúria e o atraso - incapaz de manifestar-se em formas mais altas de consciência e de luta -, conduziram massas desesperadas ao descaminho da violência infrene e do misticismo militante, transformando o cangaço numa expressão característica do mundo sociocultural sertanejo.

O movimento, conforme Ribeiro, alimentou-se da condição de miséria do povo sertanejo, do distanciamento social, da amargura provocada pela exarcebação do preconceito classista e da consciência emergente da injustiça, gerando uma convulsão na sociedade e transformando jagunços em insurgentes idolatráveis.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

Autoproclamados justiceiros, os jagunços “sanguinários, mas pios e tementes a Deus e aos santos de sua devoção, temidos, mas admirados, condenados, mas também louvados, constituíram um produto típico da sociedade sertaneja” (RIBEIRO, 2006, p. 322) e até hoje são cultuados em memoriais na região, a exemplo do Memorial Virgulino Lampião rei do cangaço, localizado no Museu do Cajueiro Pedra da Fé, em Barcelona, zona agreste do estado do Rio Grande do Norte.

Interpretar Lampião imortalizado em museus como o de Barcelona (RN) é compreender o Nordeste superador das dicotomias. Personagem controversa, Lampião tornou-se um símbolo de um Nordeste também controverso, onde a abundância contrasta-se com a escassez na conjunção de dois biomas díspares: a caatinga esturricada pelo sol e a mata atlântica acariciada pela brisa litorânea.

Considerado um ídolo popular, Lampião não era um, mas muitos num só. Ele era um homem devoto, rezava diariamente o ofício¹³ antes do amanhecer, e ao mesmo tempo liderava ondas de roubos, tortura, mortes e estupros de mulheres. O insurgente esporadicamente defendia os oprimidos, ao tomar dos ricos e dar aos pobres. Mas também, se associava à elite rural e defendia os opressores na luta por mais terra e poder. O fato de matar policiais não o impediu de ser convocado pelo governo federal em 1926 para combater a 1ª Divisão Revolucionária, depois chamada de Coluna Prestes, responsável por percorrer o Brasil incitando o povo a rebelar-se contra o presidente Artur Bernardes¹⁴.

Mesmo com essas contradições, segundo Nestlehner (1997), bem antes de morrer, Lampião já inspirava poemas, músicas e livros. "Em geral, ele era tratado como herói, um nobre salteador, que tomava dos ricos para dar aos pobres. Em 1931, o mais importante jornal americano, The New York Times, divulgou essa versão caridosa do

¹³ O Ofício da Imaculada Conceição é uma oração na qual o fiel intercede a Virgem Mãe de Deus, em especial, pelos pobres e pecadores, pelas almas do purgatório e pelas nossas intenções particulares. Oração muito utilizada pelos católicos nordestinos.

¹⁴ 12º Presidente da República, do Brasil, no período da República Velha (1889-1930). Governou o país entre os anos de 1922 a 1926, momento de grande instabilidade política no país.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

criminoso. Com o tempo, o mito só cresceu". (NESTLEHNER, 1997, online).

Conforme percebemos no trecho a seguir, retirado da matéria publicada pelo jornal :

Lampião e seu bando entravam nas vilas cantando. Se a população negasse o que queriam – dinheiro, comida, apoio –, eles revidavam. Sequestravam crianças, incendiavam fazendas, matavam rebanhos, estupravam, assassinavam e torturavam. Se fossem atendidos, organizavam bailes e davam esmolas. Por isso, quando ouvia Mulher Rendeira, que aliás é de autoria de Lampião, a gente sertaneja oscilava entre o pavor e a curiosidade. Ou fugia ou ia espiar pelas frestas, para ver aquele cuja fama já fascinava o país. (NESTLEHNER, 1997, online.)

Lampião não escolhia aliados de acordo com a classe social. Villela¹⁵ em entrevista à Nestlehner (1997) diz que todos eram bons desde que satisfizessem as exigências do cangaceiro, não importando se eram pobres ou ricos, oprimidos ou opressores. E todos eram inimigos desde que se opusessem a seus propósitos.

As duas características predominantes do sertão rural nos meados da década de 1920 entrelaçavam-se em Lampião: o fanatismo religioso e o cangaço:

Em meio ao sangue, Lampião achava lugar para a religião. Nos acampamentos, rezava o ofício, espécie de missa. Carregava livros de orações e pregava fotos do Padre Cícero na roupa. Em várias das cidades que invadiu chegou a ir à igreja, onde deixava donativos fartos, exceto para São Benedito. “Onde já se viu negro ser santo?”, dizia, demonstrando seu racismo. Supersticioso, andava com amuletos espalhados pela roupa. Levou sete tiros e perdeu o olho direito, mas acreditava-se que tinha o corpo fechado]. (NESTLEHNER, 1997, online).

De acordo com a autora, Virgulino gostava das armas. "Diz-se que certa vez ele iluminou o ambiente com tiros, como um lampião [...] Outra versão conta que ele fez uma modificação num fuzil, tornando-o mais rápido, de modo que o cano estava sempre aceso. Como um lampião". (NESTLEHNER, 1997, online). As histórias - ou seriam estórias? - ajudaram a construir a lenda na qual se transformou Virgulino Lampião, o rei do Cangaço, cuja fama fascinava o país.

¹⁵ Antropólogo e estudioso da vida de Lampião entrevistado para a matéria “Cangaceiro idolatrado”, da revista Super Interessante. Disponível em: <https://super.abril.com.br/historia/cangaceiro-idolatrado/>



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicao
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

A Narrativa Folkcomunacional e a Taxionomia do Memorial Dedicado à Virgulino Lampião

Exposta no centro do memorial, acima dos visitantes, a representao da cabeça de Lampião, esculpida em madeira, tem sempre os olhos abertos. Outras nove também não piscam, como se pudessem pressentir o perigo. São uma cabeça permanece de olhos fechados, parece representar um policial. Enquanto isso, selas, chicotes de couro e arreios de metal permanecem numa vigília leve, à espera de um novo chamado. Até meados da década de 1930, acessórios semelhantes amaciavam a cavalgada dos cangaceiros pelo Nordeste brasileiro.



Objetos e fotografias pertencentes a história de Lampião - Foto Emanuele Freitas

Um ba de madeira coberto de terra relembra os saques realizados pelos bandos, ao lado de cantis, panelas de barro, lamparinas e lampiões, indicam como eram organizados os acampamentos improvisados no meio da caatinga depois dos roubos. No canto esquerdo, pendurados na parede, faces, cartucheiras e espingardas ilustram a



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

onda de violência que percorreu o sertão nordestino, enquanto um oratório com seis imagens sacras encostado na mesma parede relembra que além do cangaço, o fanatismo religioso é considerado uma das principais expressões socioculturais do sertão.

Os artefatos contam a história do homem conhecido como rei do Cangaço ao se tornar líder do movimento de banditismo brasileiro que, em nome de vingança e justiça social, saqueou inúmeras cidades no Nordeste entre os séculos 19 e 20. Morto e degolado em uma emboscada junto com alguns de seus liderados, Virgulino Ferreira da Silva, Lampião, tornou-se uma lenda até hoje presente no imaginário do sertanejo e virou um símbolo do cangaço e um ícone da cultura nordestina, uma prova de que mesmo após ter falecido, o cangaceiro ainda vive na memória dos nordestinos.

Com base na taxionomia do memorial constatamos uma mistura de formatos. Mas, mesmo diante dessa mistura, há uma predominância do formato decorativo, enaltecido pela notada presença dos adornos pessoais - peças componentes da indumentária dos cangaceiros, como roupas, utensílios para suporte de armas e munição - e dos ornamentos domésticos - os quais proporcionam uma ambientação alusória aos tempos do cangaço, como os baús de madeira, os cantis¹⁶, etc. Nota-se, também, a presença do formato bélico, representado por armas e cartucheiras, as quais davam conta dos massacres, ataques e defensivas do bando de cangaceiros. A junção desses artefatos proporciona a construção e preservação da memória de Virgulino Lampião, personagem considerado herói por uns e bandido por outros, eternizado como ícone da cultura popular nordestina.

A folkcomunicação na Construção da Memória

Segundo Saturnino Neto de Medeiros, fundador do museu popular Sítio Cajueiro Pedra da Fé (Barcelona/RN), o memorial dedicado à Lampião tem como objetivo contar e guardar a história do povo nordestino funcionando como uma espécie de cartografia, elaborada a partir da coleção de artefatos históricos da cultura popular. Os elementos

¹⁶ Objetos que eram utilizados para o consumo de água dos cangaceiros.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação Universidade Federal do Amazonas - UFAM Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

expostos no memorial contribuem para a construção de um importante acervo, o qual recorda coletiva e individualmente o Nordeste a partir da representação de seu modo de vida, de suas tradições, crenças, costumes e lendas, preservando marcas da identidade cultural de uma região tão diversificada culturalmente.

O senhor Saturnino, como agente-comunicador cumpre - por meio da construção e preservação do memorial Virgulino Lampião - função no sistema folkcomunicacional quando cria um canal (o museu) para informar a sociedade sobre a vida de Lampião e sua importância na história e na cultura nordestina.

Os museus funcionam como ferramentas que ligam histórias do passado e do presente, e prolongam essas histórias para o futuro. São responsáveis por preservar a memória da sociedade, de um lugar ou evento, e a folkcomunicação atua, junto aos museus, aliando essas memórias à construção de narrativas para os artefatos presentes, fazendo com que uma peça não seja um simples objeto, mas que comunique uma parte da memória da cultura popular. Podemos perceber, a partir disso, a relevância de utilizar a teoria e as metodologias da folkcomunicação para registrar e catalogar espaços populares.

Considerações finais

Constatamos a representação do memorial Virgulino Lampião O Rei do Cangaço, do museu popular Sítio Cajueiro Pedra da Fé, situado em Barcelona/RN, como parte história do sertão. Lugar lembrado e construído por lendas e mitos criados no imaginário popular, mas, incontestavelmente frutos da verdade do sertão, como foi a personagem Lampião. Se herói ou bandido não pretendemos afirmar, apenas registramos a existência de pessoas - como Saturnino, idealizador do museu - as quais valorizam a história do Rei do Cangaço como elemento da memória e história de seu povo.

O local funciona, portanto, como ambiente de preservação do patrimônio histórico-cultural da região Nordeste, além de ser responsável por democratizar as



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

narrativas folkcomunicacionais presentes em cada memorial, permitindo o registro e conservação de objetos representantes dos momentos por muitos não vividos, mas que devem ser lembrados.

Acentua-se, portanto, a relevância da análise folkcomunicacional do memorial Virgulino Lampião, com base na cartografia e taxionomia realizada no museu. Servindo para a sociedade como agente de preservação, registro e perpetuação da memória de um dos indivíduos mais importantes para a composição histórica e cultural da região nordeste do Brasil.

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: teoria e metodologia**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

GOBBI, Maria Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. **José Marques de Melo e os estudos científicos da Folkcomunicação**. Revista Internacional de Folkcomunicação. Ponta Grossa/PR, vol. 11. n. 22. p. 10-28, jan./abr.2013 Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/1588/1126>> Acesso em: 17 abr. 2018

MARQUES DE MELO, José. **Folkcomunicação na era digital: a comunicação dos marginalizados invade a aldeia global**. Razón y Palabra: revista do Instituto Tecnológico de Monterrey, México: ITESM, n. 49, ano 11, fev-mar 2006, p. 1-26. 2006. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n49/bienal/magis/Marques_demelo2.pdf> Acesso em: 17 abri. 2018.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007.



XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Parintins (AM), de 25 a 27 de junho de 2018

NESTLEHNER, wanda. **Cangaceiro idolatrado**. Super interessante, São Paulo, 31 mai. 1997. Atua. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/cangaceiro-idolatrado/>> Acesso em: 20 mai. 2018

PINTO, Celina Bárbaro. **Museu, comunidade e patrimônio cultural imaterial: um estudo de caso - o Museu da Terra de Miranda**. Midas [online]. v. 2. 2013. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/midas/210>> Acessado em: 15 abr. 2018.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.